

MORRER DE PÉ PARA NÃO VIVER DE JOELHOS: O SUICÍDIO DE BERTOLEZA EM O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

*Better to die on your feet than to live on your knees: the suicide of Bertoleza in
O Cortiço by Aluizio Azevedo*

Emanuel Régis Gomes Gonçalves

 <https://orcid.org/0000-0002-0179-7029>

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, CE, Brasil.
60020-180 – ppgletrasufc@gmail.com

Resumo: O presente artigo pretende analisar o suicídio de Bertoleza, constante no livro *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Nosso objetivo é mostrar que a autoimolação da personagem em questão, longe de ser um ato extravagante e puramente ficcional dentro da narrativa tradicional brasileira, conjuga-se com as formas de resistência e insubmissão encontradas pelos negros e negras na sociedade brasileira antes da Abolição. Nossa metodologia consistirá, portanto, em utilizar a pesquisa histórica sobre as situações, motivações e crenças que levavam amiúde escravos e escravas em nossas terras a porem fim às próprias vidas para situar com maior clareza a *configuração literária* que essa prática adquire no livro *O cortiço* em relação à morte de Bertoleza. Para tanto, utilizamos como referencial teórico as pesquisas históricas de Ferreira (2009) e Mott (1991) sobre o suicídio de escravos e a mulher na luta contra a escravidão, respectivamente, análises psicológicas de Fanon (2008) sobre o racismo e as reflexões contidas no clássico *O deus selvagem*, de Alvarez (1999), sobre as relações entre a literatura e o suicídio; junto às observações pertinentes de Antonio Candido sobre João Romão e Bertoleza em seu ensaio “De cortiço a cortiço”, presentes no livro *O discurso e a cidade* (2015).

Palavras-chave: Bertoleza. Escravidão. Suicídio. Resistência.

Abstract: This article aims at analyzing the suicide of Bertoleza in the novel *O Cortiço* (1890) by Aluísio Azevedo. It is intended to argue that the self-immolation of the aforementioned character, far from being an extravagant and purely fictional action within the traditional Brazilian literary narrative, conjugates with the ways of resistance and disobedience used by black men and black women in Brazilian society before the Abolition Act. Therefore, in order to better understand the *literary configuration* that such practice acquires in the novel *O Cortiço* concerning the death of Bertoleza, it is used historic research as methodology, thus regarding situations, motivations and beliefs which frequently drove male and female slaves in our land to put an end in their own lives. For this purpose, as theoretical background it is resorted to Ferreira (2009) and Mott’s (1991) historic studies, respectively, on slaves suicides, and on the



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

woman in the fight against slavery, as well as to Fanon's (2008) psychological analyses on racism, and Alvarez's reflections in his classic *O deus selvagem* (1999) on the relations between literature and suicide; with Antonio Candido's pertinent observations about João Romão and Bertoleza in his literary essay "De cortiço a cortiço", that is in the book *O discurso e a cidade* (2015).

Keywords: Bertoleza. Slavery. Suicide. Resistance.

Introdução

Podemos afirmar, baseados no destaque que a crítica oferece aos episódios em questão e na importância de seus autores dentro da nossa tradição literária, que dois são os casos mais célebres de suicídio na ficção brasileira: a morte de Madalena em *São Bernardo* (1936), de Graciliano Ramos, e a autoimolação de Bertoleza em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo¹. É sobre esta última que este artigo se debruçará.

Se nos dois casos deparamo-nos com personagens que – levadas ao desespero e limitadas pela condição social, histórica e cultural em que se achavam – decidiram, como ato final de fuga e insubmissão, pôr fim às próprias vidas; devemos acrescentar à morte de Bertoleza o elemento decisivo que era a escravidão e as modalidades heroicas e, muitas vezes, extremas de resistir a essa torpe instituição entre negros e negras, reais e fictícios, do Brasil antes da Abolição.

O suicídio entre negros e negras escravizados, fossem eles "crioulos" (nascidos no Brasil) ou africanos, além de outras formas de resistência pela violência (assassinatos e abortos, por exemplo), era prática que envolvia, além da condição de abjeção da servilidade forçada, *motivações, crenças e ritos* que remetiam às sociedades africanas, conforme veremos.

Aluísio Azevedo, ao conceber o trágico fim de Bertoleza em seu clássico livro, apenas deu *forma literária* a uma prática histórica e social de longa data em terras brasileiras, da Colônia ao Império.

Convém também destacar que o ato do suicídio, que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais mas que recebe na morte de Jocasta, mãe incestuosa de Édipo, seu primeiro registro *literário*, possui por sua vez uma história, recebendo diferentes interpretações e valorações de acordo com cada época e lugar, o que também procuraremos mostrar aqui, dentro das limitações de um artigo acadêmico.

Nossa metodologia consistirá, portanto, em utilizar a pesquisa histórica sobre as situações, motivações e crenças que levavam amiúde escravos e escravas em nossas terras a porem fim às próprias vidas para situar com maior clareza a *configuração literária* que essa prática adquire no livro *O cortiço* em relação à morte de "Bertoleza". Para tanto, utilizamos com referencial teórico as pesquisas históricas de Ferreira (2009) e Mott (1991) sobre o suicídio de escravos e a mulher na luta contra a escravidão, respectivamente; além das análises

¹ Os dois casos aqui citados não são os *únicos* episódios de suicídio na ficção brasileira. Suicídios ocorrem também em peças como *Mãe*, de José de Alencar, e no romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis etc. *O cortiço* e *São Bernardo*, porém, são textos que ocupam um lugar de maior destaque dentro da hierarquia literária e cultural brasileira, sendo presença obrigatória nos livros didáticos escolares e manuais de literatura do país, por exemplo.

psicológicas de Fanon (2008) sobre o racismo e as reflexões contidas no clássico *O deus selvagem*, de Alvarez (1999), sobre as relações entre a literatura e o suicídio, junto às observações pertinentes de Antonio Candido sobre João Romão e Bertoleza em seu ensaio “De cortiço a cortiço”, presentes no livro *O discurso e a cidade* (2015).

O suicídio frívolo e o suicídio sério

É Alfred Alvarez, em seu hoje clássico livro de ensaios sobre o suicídio na história e na literatura, *O deus selvagem*, lançado em 1971, que divide o ato de tirar a própria vida em dois tipos, de naturezas bem distintas: o suicídio “frívolo” e o suicídio “sério” (ALVAREZ, 1999, p. 69).

Embora a figura do suicida tenha sofrido mutações na maneira de ser enxergada no decorrer da história – passando de um ser completamente desprezível e amaldiçoado pelas sociedades primitivas, em seguida alvo de admiração pelo espírito de martírio dos primeiros cristãos; mais adiante, condenado como repulsivo pela Igreja católica e, por fim, reabilitado e esvaziado de seu sentido espiritual pela ciência – são esses dois tipos de suicídio que encontraremos basicamente através da história e da literatura.

No primeiro caso, o suicídio frívolo, se enquadrariam aqueles atos em que se buscava e desejava uma porta de acesso a um paraíso qualquer além-túmulo, como o *Valhalla*, dos vikings (cuja entrada só era permitida aos que “morreram com violência”), a “Terra do Dia”, dos esquimós iglulik, e de certas tribos africanas, em que os súditos, após a morte de seu rei, se matariam para desfrutar com ele do Paraíso (ALVAREZ, 1999, p. 67-68).

A ideia aqui é a de que, colocadas, de um lado, as incertezas e agruras da existência terrena e, de outro, os prazeres e delícias da Eternidade em uma balança, estas últimas tenderiam sempre a ter um peso maior entre os povos citados. Conforme explica-nos Alvarez:

Já que a morte não só era inevitável como relativamente desimportante, o suicídio em última análise se tornava mais uma questão de prazer do que de princípio: sacrificavam-se alguns dias ou anos neste mundo para banquetear eternamente com os deuses no próximo. Era, em essência, um ato frívolo (ALVAREZ, 1999, p. 69).

É claro que o mesmo raciocínio poderia ser aplicado aos cristãos primitivos, completamente seduzidos pela ideia de trocar suas vidas – em geral, miseráveis – pela felicidade celestial. Daí ser fácil entender os martírios que proliferaram durante os primeiros séculos do cristianismo:

O glorioso batalhão de mártires chegou a somar milhares de homens, mulheres e crianças, que eram decapitados, queimados vivos, arremessados do alto de penhascos, tostados em grelhas e cortados em pedaços – todos mais ou menos gratuitamente, por sua livre e espontânea vontade, como atos de deliberada provocação (ALVAREZ, 1999, p. 78).

De fato, a “suicidomania” (o termo é de Alvarez)² era tão comum entre os primeiros cristãos, que só após uma série de publicações de teólogos e filósofos cristãos de grande vulto – como santo Agostinho e santo Tomás de Aquino – e diversos Concílios da Igreja, no século VI (o de Orleans, o de Braga e o de Toledo) que essa prática pode ser contida e violentamente condenada como pecado pelo cristianismo.

No segundo caso, o suicídio sério, estamos diante de algo praticado por sujeitos que abdicaram de esperanças no além e que procuraram unicamente pôr termo aos seus sofrimentos na terra.

A recusa dos aborígenes da Tasmânia em ter novos filhos (extinguindo-se, assim, como raça), os índios que se enforcavam nos navios espanhóis após serem submetidos pelas armas, entre outras formas de auto-aniquilação, em que milhares de pessoas poderiam sucumbir, são exemplos que podem ser dados desse tipo de suicídio (ALVAREZ, 1999, p. 69-70).

Esse também era o típico suicídio adotado com frequência pelos negros escravizados no Brasil, da colônia ao Império, para fugir dos suplícios, castigos e desgraças a que eram submetidos por seus senhores.

No caso específico dos escravos e escravas daqui, o ato estava envolvido em determinadas crenças, seja entre os “crioulos” (negros nascidos no Brasil) ou africanos. Era, segundo os historiadores, uma atitude de *resistência* extrema e de desobediência às leis e autoridades vis da escravidão institucionalizada, entre outras formas de lutas encontradas por aqueles que não podiam contar com o reconhecimento de sua humanidade, conforme veremos.

Foi esse o tipo de suicídio cometido por Bertoleza em *O cortiço*. Um ato de resistência que visava a resolver um impasse intransponível entre o desejo de liberdade e a instituição da escravidão.

Diante disso, cumpre analisar com atenção quais as etapas e motivações que conduziram Bertoleza ao gesto de autoimolação ao final da narrativa de Aluísio Azevedo.

O suicídio de Bertoleza

A morte de Bertoleza é um dos desfechos mais célebres e carregados de dramaticidade da literatura brasileira. Sua violência, gráfica e implacável, típica da estética naturalista, somada à crueldade social da escravidão, tornada *configuração literária*, ainda hoje é capaz de impressionar quem a lê:

Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe, certo e fundo, rasgava o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue (AZEVEDO, 2005, p. 210).

² Em respeito ao texto original de Alfred Alvarez e à tradução de Sônia Moreira, optamos por utilizar o termo “suicidomania”, tal como ele aparece na edição brasileira de *O deus selvagem*. Embora existam outras obras e tratados sobre o tema do suicídio – entre os quais poderíamos citar *O mito de Sísifo*, de Albert Camus; *O suicídio*, de Émile Durkheim e *Sobre o suicídio*, de Karl Marx – a distinção de Alvarez entre o suicídio sério e o frívolo foi o que explicou, mais adequadamente, o tipo de suicídio praticado por Bertoleza em nossa perspectiva.

A ironia suprema que se segue ao episódio – a chegada de uma comissão de abolicionistas que tinham por objetivo entregar um diploma de “sócio benemérito” a João Romão – não é suficiente para atenuar o impacto causado pela morte da negra³.

É importante observar, porém, que, se o final de *O cortiço* é totalmente focalizado no destino de Bertoleza, o restante da obra dá à personagem um papel *bastante secundário*⁴.

Obviamente o mesmo poderia ser dito de quase qualquer outro personagem, à exceção de João Romão, já que Aluísio Azevedo está preocupado em criar em *O cortiço*, como todos sabemos, um *painel social* do Segundo Império, em que as existências individuais das criaturas que pelas páginas do romance circulam não podem reclamar maior destaque.

Todavia, o leitor atento perceberá que Bertoleza apenas tem uma verdadeira luz colocada sobre ela no primeiro e nos capítulos finais da narrativa.

O primeiro capítulo do livro trata de apresentar o passado da personagem e de como ela se deixa “enlaçar” pela atenção e promessas de João Romão. De como ela entrega todas as suas economias e rendas para seu “amigo” e de como a mesma é ludibriada por ele em relação à sua alforria. Também se fala dos furtos que realiza ao lado do companheiro e de como, no final das contas, substitui a condição de escrava “de ganho” oficial de seu antigo senhor – “um velho cego residente em Juiz de Fora” – pela de escrava “extraoficial” de João Romão.

É apenas nos capítulos finais do livro, especificamente a partir do capítulo XIII, quando se torna um estorvo para o casamento do dono do cortiço com a filha de Miranda, Zulmira, que ela volta a ter destaque na obra em questão:

João Romão, com efeito, tão ligado vivera com a crioula e tanto se habituara a vê-la ao seu lado, que nos seus devaneios de ambição pensou em tudo, menos nela.
E agora?
E malucou no caso até as duas da madrugada, sem achar furo. Só no dia seguinte, a contemplá-la de cócoras à porta da venda, abrindo e destripando peixe, foi que, por associação de ideias, lhe acudiu essa hipótese:
– E se ela morresse?... (AZEVEDO, 2005, p. 139).

Em resumo, podemos afirmar que Bertoleza desempenha em *O cortiço* duas funções narrativas: a. mostrar a exploração do brasileiro pelo português; e b. denunciar, pelo seu fim trágico, a crueldade da escravidão enquanto instituição no Brasil.

Independentemente desse fato, o suicídio de Bertoleza é dos acontecimentos mais marcantes do livro e, nesse sentido, acreditamos que merece ser analisado com cuidado.

A primeira afirmação que poderíamos fazer sobre o ato final de Bertoleza é que ele *não era, de forma alguma, inevitável*.

Devemos lembrar que quando ela, no capítulo XXI do livro, escuta a conversa de João Romão e Botelho sobre a necessidade de se livrar dela, arranjando-lhe uma quitanda em outro

³ Bertoleza era, na verdade, “cafuzza”, conforme Aluísio Azevedo a descreve no Capítulo I de *O cortiço*. Defendemos, porém, que por sua condição de escrava, Bertoleza era “negra”, na acepção *social* do termo.

⁴ Dos vinte e três capítulos de *O cortiço*, Bertoleza possui *diálogos* apenas no primeiro e no 21. Apesar de ter desempenhado papel decisivo no enriquecimento de João Romão, Aluísio Azevedo não se preocupa – pelos motivos já citados em nosso trabalho – em perscrutar os sentimentos dela ou lhe atribuir mais que as esparsas falas mencionadas durante todo o resto do livro, com uma breve exceção no capítulo 13 e no desfecho da obra.

bairro e algum dinheiro, sua reação é de quem – despindo-se da submissão advinda da cor da pele e da situação de ex-escrava – não aceita nada menos que desfrutar, como era de fato seu direito, a riqueza que havia ajudado a construir.

Diante da pergunta exasperada de João Romão (“Mas afinal que diabo queres tu?!”), ela responde: “Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero o meu regá-lo, como você quer o seu!” (AZEVEDO, 2005, p. 198-199).

Quando seu companheiro argumenta que tal arranjo é impossível, dada a distância entre os dois, Bertoleza convoca o passado em comum dos dois, a religião e a dívida de João Romão para com ela para deixar claro que não está disposta a retroceder em suas exigências:

Ah! Agora não me enxergo! Agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e aguentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! Assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor de meu rosto?...Quer casar, espere então que eu feche primeiro os olhos; não seja ingrato! (AZEVEDO, 2005, p. 199).

Em resumo, para Bertoleza *é tudo ou nada*. Sua inflexibilidade – mesmo diante de uma sociedade que colocava os negros em situação extremamente frágil – é impressionante e custará um preço alto, como sabemos.

Mas resta uma pergunta diante de todo esse imbróglio – *o que levava Bertoleza a não admitir, em hipótese alguma, a separação de João Romão?*

Se considerarmos que, durante toda a narrativa, a personagem em questão não demonstrou nem de longe algo que se aproximasse do apego material de João Romão, restam-nos dar outra explicação para o comportamento de Bertoleza: *um amor doentio*.

É aqui que podemos convocar as reflexões de Frantz Fanon sobre as relações entre as mulheres negras e os homens brancos em seu livro *Peles negras, máscaras brancas*.

Acreditamos que as contribuições de Fanon são importantes por demonstrarem os mecanismos colocados em funcionamento pela cultura racista que, em muitos casos, estrutura as relações afetivas entre pessoas de diferentes etnias no mundo ocidental.

A mulher de cor e o branco, segundo Fanon

Antonio Candido, analisando as relações entre o elemento português e o brasileiro no romance *O cortiço*, em seu famoso ensaio “De cortiço a cortiço”, dá a seguinte explicação sobre a situação de João Romão e Bertoleza:

Para (...) poder realizar o seu projeto de enriquecimento e ascensão social, o português do tipo João Romão precisa despir o sexo de qualquer atrativo, recusar o encanto das Ritas Baianas e ligar-se com a pobre Bertoleza, meio gente, meio bicho (CANDIDO, 2015, p. 124).

Segundo o autor de *O discurso e a cidade*, a relação estritamente *pragmática* que se estabelece entre o taverneiro branco e a quitandeira negra – ou melhor, “cafuza” – faz-se necessária, dentro da lógica do romance, para que as forças telúricas do Brasil (Bertoleza) não acabem por dominar e fazer sucumbir aos encantos nativos o elemento português (João Romão), como acontecera com Jerônimo, ao se deixar dominar por Rita Baiana.

Ainda de acordo com Candido, Bertoleza serve para revelar o racismo do narrador de *O cortiço*, pela ação, apoiado na “pseudociência” da época, da superioridade de uma raça sobre a(s) outra(s):

Esta Bertoleza, aliás, que era cafuza, serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo, corrente no seu tempo com apoio de uma pseudociência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na mestiçagem local. João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, e ela aceita, feliz, ‘porque, como toda a cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua’ (CANDIDO, 2015, p. 124).

Comparando, sobre o mesmo tópico, a situação de Jerônimo e Rita Baiana – que prontamente trocara o capoeirista Firmo, mulato, pelo cavouqueiro branco – com o casal Bertoleza e João Romão, Candido defende que é ainda o mesmo racismo que está em atuação aqui, o mesmo desejo, profundamente arraigado (“inscrito” na própria pele, por assim dizer) de *melhorar e redimir* a inferior raça negra pela mistura com a superior raça branca (CANDIDO, 2015, p. 124).

As análises de Candido sobre as dinâmicas desiguais entre as personagens femininas n’*O cortiço* vão ao encontro das análises sobre o mesmo tema no livro *Peles negras, máscaras brancas*, de Frantz Fanon.

No capítulo desse livro intitulado “A mulher de cor e o homem branco”, em que o psicanalista martinicano analisa a obra *Je suis Martiniquaise*, de sua conterrânea Mayotte Capécia, e a relação da autora com um oficial francês a serviço no país, Fanon identifica que a total submissão da mulher negra em relação ao homem branco é fundamentalmente de tipo *doentio*⁵ (FANON, 2008, p. 54).

Se nos atermos à descrição que Fanon faz da relação de Capécia com o militar europeu, perceberemos que, malgrado a distância temporal entre o livro em questão e *O cortiço*, é quase que a *mesmíssima* relação entre Bertoleza e João Romão o que encontraremos aqui, o que nos leva a pressupor que as ideologias racistas que estruturam os relacionamentos entre a mulher negra e o homem branco no Brasil do final do século XIX e a Martinica dos anos 1940 permaneceram, de certa forma, *intactas*. Na descrição de Fanon:

⁵ É preciso esclarecer que Fanon, um dos pioneiros da chamada *filosofia da Diáspora Africana*, teve uma formação inicial em Psiquiatria e publicou *Peles negras, máscaras brancas* em 1952. Ao utilizar termos como “doentio” e “doença” para explicar determinados comportamentos de submissão negra, ele mobiliza o instrumental teórico da psiquiatria e da psicanálise (como Freud também faz, por exemplo, ao falar de “histeria”, “neurose”, “psicose” etc.), sem *nunca* desconsiderar os aspectos econômicos, culturais e sociais ao fundamentar tais “diagnósticos”. Fanon é, na realidade, um dos primeiros pensadores a defender que as estruturas sociais coloniais são introjetadas na subjetividade do colonizado e a mudança dependeria de uma transformação radical das estruturas da sociedade.

Mayotte ama um branco do qual aceita tudo. Ele é o seu senhor. Dele ela não reclama nada, não exige nada, senão um pouco de brancura. E quando, perguntando-se se ele é bonito ou feio, responde: ‘Tudo o que sei é que tinha olhos azuis, que tinha os cabelos louros, a pele clara e que eu o amava’ (FANON, 2008, p. 54).

Para efeito de comparação, leiamos o trecho em que o narrador d’*O cortiço* descreve o sofrimento mudo de Bertoleza ao perceber que João Romão, depois da ascensão social dele, já não se interessava por ela, como mulher, como antigamente:

adorava o amigo, tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor (AZEVEDO, 2005, p. 176).

Na qualidade de psicanalista, Fanon explica de forma bastante convincente os processos psíquicos – de matriz social e histórica, é claro – envolvidos no amor doentio da personagem Bertoleza por João Romão:

Há no homem de cor uma tentativa de fugir à sua individualidade, de aniquilar seu estar-aqui. [...] o preto inferiorizado passa da insegurança humilhante à autoacusação levada até o desespero. Frequentemente a atitude do negro diante do branco, ou diante de um seu semelhante, reproduz quase que integralmente uma constelação delirante que toca o domínio do patológico (FANON, 2008, p. 66).

Essa tentativa desesperada, o mais das vezes frustrada, de realizar a “redenção” da raça nos negros através da adesão submissa ao branco é o que explicaria, a nosso ver – mais que as esperanças de uma velhice segura, que certamente entram na conta do comportamento da personagem – o fato de Bertoleza ter se recusado a seguir sua vida longe de João Romão e que contribuiu decisivamente para o seu final trágico na narrativa que estamos enfocando.

Gostaríamos de defender, porém, que a resignação de Bertoleza ao seu destino não é total e que seu gesto final, o suicídio, participa de uma longa tradição de insubmissão e resistência entre os escravos no Brasil. É o que procuraremos mostrar no tópico seguinte.

Suicídio e insubmissão entre os escravos brasileiros

Em seu livro *Submissão e resistência – as mulheres na luta contra a escravidão*, Maria Lucia de Barros Mott oferece-nos o seguinte relato, que nos apresenta um exemplo consistente do tipo de comparação que estamos tentando estabelecer neste trabalho entre a literatura e a história:

A escrava quando decidida a morrer usava de todos os meios para colocar fim à própria vida: envenenamento, afogamento, asfixia, estrangulamento, etc. Pulquéria, escrava de dona Leocádia, foi presa no paiol de onde tentou fugir. Não conseguindo, e temendo ser castigada, cortou a própria garganta com uma faca. Isto ocorreu em São Mateus, no Espírito Santo, em 1885 (MOTT, 1991, p. 31)

O episódio aconteceu apenas cinco anos antes do lançamento de *O cortiço* e a semelhança do final trágico da escrava Pulquéria, na vida real, com o de Bertoleza, na ficção, permite-nos estabelecer ligações fortes entre o destino da personagem de Aluísio Azevedo e o de vários outros escravos no Brasil no período pré-Abolição. O que não chega a causar surpresa, uma vez que sabemos que a *observação científica da realidade* era um dos principais programas do Naturalismo, enquanto escola estética.

Duas são as explicações geralmente apontadas para a prática do suicídio entre os escravos brasileiros, segundo o historiador Jackson Ferreira: o *banzo* e a crença do *retorno à África*:

O banzo seria a profunda tristeza que se abatia sobre os escravos recém-chegados ao Brasil, fazendo-os perder o apetite e a vontade de viver, e provocando-lhes a morte. Já a teoria do retorno afirmava que a intenção dos escravos ao cometer o suicídio era voltar à sua terra natal através da *Kalunga*, o mar-oceano (FERREIRA, 2009, p. 14)

Nos dois casos, estamos diante de atos de resistência, dentro dos limites individuais, ante a opressão desmedida do sistema escravocrata, com suas escassas margens de escolha.

É claro que eram praticadas outras formas de insubmissão entre os cativos brasileiros, que iam desde o “desmazelo” nas atividades domésticas até aos assassinatos dos seus senhores (MOTT, 1991).

Em relação ao desleixo com as obrigações domésticas, a estratégia consistia em procurar ser considerado inapto para alguns serviços, a fim de ser poupado de tarefas além das já anteriormente acumuladas pela condição de escravo. Tal forma de resistência muitas vezes resultava em grandes prejuízos para os moradores da Casa-Grande:

No trato da casa ou desempenhando atividades agrícolas ou comerciais, esse ‘desmazelo’ trazia sofrimentos e prejuízos imediatos para o senhor e sua família. A literatura médica do século XIX recomendava que as mães de família amamentassem elas próprias os seus filhos e não os dessem para serem amamentados pelas escravas pois estas, tendo sido obrigadas a se separarem de seus filhos verdadeiros, acabavam por se ‘vingar’, ingerindo alimentos prejudiciais ao leite ou colocando pimenta no bico do seio, causando malefícios à saúde da criança (MOTT, 1991, p. 30).

Já no caso da resistência à escravidão pela via do assassinato, os instrumentos utilizados eram os mais diversos – de instrumentos de trabalho, como facas e mãos de pilão a venenos e práticas “mágicas”, o que, ainda de acordo com Mott, suscitou, em meados do século XIX, inúmeras leis que visavam a coibir a ação dos escravos e salvaguardar a vida de senhores e feitores de engenho:

Os assassinatos de senhores de escravos, de feitores e seus familiares era comum a ponto de ter sido criada, em 1835, toda uma legislação repressiva que punia com pena de morte homens e mulheres escravos que, por qualquer meio, atentassem contra seus proprietários, feitores e respectivas famílias (MOTT, 1991, p. 34).

É fácil pressupor que, em um ambiente cercado por tanta violência e opressão, muitos

escravos optassem por simplesmente tirar a própria vida. Em todo caso, os pesquisadores da escravidão brasileira são unânimes em afirmar que o suicídio era usado, na maioria das vezes, apenas quando todos os outros recursos disponíveis à mão haviam se esgotado: “Muitos casos demonstram que o ato só era praticado como último recurso para forçar o atendimento dos desejos ou como alternativa para escapar definitivamente da escravidão” (FERREIRA, 2009, p. 14).

Voltando para a situação específica da personagem Bertoleza, lembraremos que só após tentar convencer pela palavra João Romão, lembrando a ele a dedicação de toda uma vida, o trabalho extenuante e incessante e a doação erótica do próprio corpo, na tentativa de gerar empatia e demover o seu companheiro de livrar-se dela e realizar votos de casamento com outra mulher – além da tentativa de empreender fuga diante dos soldados que acompanham o filho de seu antigo dono no momento da prisão – é que Bertoleza decide se autoimolar.

Em outras palavras, Bertoleza decide morrer de pé para não viver de joelhos.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos mostrar como o episódio do suicídio de Bertoleza no livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, poderia ser mais ricamente iluminado por conhecimentos advindos de áreas como a filosofia, a psicanálise e, sobretudo, a história.

Nesse sentido, tentamos explicitar que a autoimolação da personagem, ainda que se dando dentro de um livro de ficção, trazia como substrato histórico as formas de insubmissão e resistência adotadas pelos escravos e escravas brasileiros durante todo o período anterior à Abolição.

Perseguindo tal finalidade, realizamos também uma distinção entre o suicídio “sério” e o “frívolo”, divisão estabelecida pelo filósofo Alfred Alvarez em *O deus selvagem*.

Nosso objetivo último era mostrar que – assim como seus companheiros de infortúnio do mundo real e concreto – Bertoleza, personagem de ficção, preferiu rasgar o próprio ventre, empreendendo uma “fuga definitiva”, a ter de retornar à condição vil e abjeta de escrava, na feliz configuração literária que Aluísio Azevedo soube dar a tal prática de resistência à sociedade escravocrata brasileira em sua obra mais famosa.

Referências

ALVAREZ, Alfred. *O deus selvagem: um estudo do suicídio*. Trad. de Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Editora Escala, 2005.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015. p. 107-132.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Jackson. Desta para melhor: o suicídio de escravos como uma tentativa de voltar para casa. In: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). *A era da escravidão*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 13-19.

MOTT, Maria Lucia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Emanuel Régis Gomes Gonçalves (emanuelregio@yahoo.com.br) possui graduação em Letras – Português/Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (2011). Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Professor de Língua Portuguesa no Sistema Estadual de Ensino do Governo do Ceará, Brasil.

NOTAS DE AUTORIA

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

GONÇALVES, Emanuel Régis Gomes. Morrer de pé para não viver de joelhos: o suicídio de Bertoleza em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 149-159, 2019.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 31/03/2019

Revisões requeridas em: 15/07/2019

Aprovado em: 25/07/2019

